

NÚCLEO ESPÍRITA FRANCISCO DE ASSIS

TEXTO PARA O SEMINÁRIO 2025

Uma reflexão sobre a lei da justiça, do amor e da caridade

Por Rosana Silva

Em diferentes países, saber dos inúmeros acontecimentos que colocam em xeque a importância dos Direitos Humanos traz à tona o sentimento de desesperança. Como ainda é possível encontrar práticas e discursos contrários à premissa de que seres humanos “nascem livres e iguais em direitos e devem agir em relação uns aos outros com Espírito de fraternidade”, como expressa o art. 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Lembro, quando estudava na Faculdade, de um colega que enfrentava muitos desafios para estar presente na sala de aula por falta de acessibilidade. Ele tinha deficiência visual e a Universidade Pública, à época, não oferecia o serviço de audiodescrição para descrever as imagens e vídeos, que consistiam em quase 100% das apresentações proferidas pelos professores. Nós o apoiamos nas aulas, de forma improvisada, mas, certamente, isso o impedia de desenvolver suas habilidades e competências de maneira livre, autônoma, confortavelmente, como nós, pessoas sem deficiência, desenvolvemos. Diante disso, é desafiador presenciar as injustiças que impedem o acesso igualitário, equitativo, aos direitos, ao bem comum. Talvez, por isso, os Espíritos tenham buscado ensinar, em O Livro dos Espíritos, que o sentimento de justiça só pode ser realizado em sua potência máxima quando estiver em consonância com o amor e a caridade.

Para os Espíritos, “a justiça consiste no respeito aos direitos de cada pessoa”. Para eles, esses direitos são estabelecidos pela lei natural e humana. Com o passar dos séculos, as leis humanas, que constroem os direitos, se modificam para se adequar às mudanças sociais, porém não estão sempre em acordo com a justiça. Já a lei natural é imutável, alcança a todos de maneira igual, e está escrita na consciência, conduzindo os seres humanos à felicidade. Por isso, os Espíritos, com o uso de uma premissa do Cristo, mostram a forma de avaliar se existe ou não justiça nas ações que praticadas.

“Na incerteza do que fazer em relação ao seu semelhante em uma dada circunstância o homem se pergunta como ele desejaria que se fizesse para com ele em circunstância semelhante”. Busca-se, com isso, fazer com que as decisões tomadas tenham como base a reciprocidade.

Mas, o sentimento de justiça apenas se torna mais pujante, por meio da prática do bem e do desenvolvimento espiritual da humanidade. Por isso, Kardec pergunta aos Espíritos como deve ser o caráter de quem pratica a justiça em sua plena pureza, tendo recebido a seguinte resposta: “O verdadeiro justo, a exemplo de Jesus, porque também praticaria o amor do próximo e a caridade, sem os quais não há a verdadeira justiça”.

Caridade é o ato de benevolência, o querer bem a todas as pessoas. A indulgência é a tolerância com as imperfeições humanas. O amor, conforme expressa a bela poesia ditada pelo apóstolo Paulo, em Coríntios, Capítulo 13, no qual destaca as virtudes/qualidades do amor, que é possível pensá-las e praticá-las, por meio da ação. Assim o amor é paciente, bondoso, não é invejoso, não é arrogante, orgulhoso. Não faz o que é inconveniente, não busca interesses próprios, não se irrita, não se ofende, não se alegra com a injustiça, mas com a verdade. Tudo perdoa, crê, espera e suporta”.

Confesso que no estágio em que me encontro, o sentimento de indignação ainda é um mobilizador quando a injustiça me alcança, a meus familiares, amigos, colegas, conhecidos e desconhecidos. Jesus é sem dúvida o ideal a ser alcançado, mas, como bem disseram os Espíritos, o sentimento de justiça encontra-se no coração e o despertar não é rápido, mas depende apenas de cada pessoa.

Mas, tenho pensado a indignação como um meio e não como um fim, para alcançar as virtudes que levam ao bem; afinal, não é possível lidar e sobreviver aos problemas deste mundo sem os sentimentos e virtudes que o amor atrai; ou seja, só é possível ter bom ânimo para lidar com as adversidades e injustiças deste mundo, com alegria, bom humor, solidariedade dos irmãos, que são aqueles que, na maior parte das vezes, nos forçam a aprender e a desenvolver a indulgência para com eles. Mas, acredito que ainda estou no início desta jornada de descobertas.

A experiência de conviver com amigo referenciado inicialmente fez com que eu observasse o quanto aquela injustiça estava diante dos meus olhos, mas, não chamava a minha atenção, até o momento que pude tê-lo perto de mim. Com ele consegui aprender formas outras de trabalhar a indignação e lidar com o que eu considerava como injustiça, exercitando a resiliência, a solidariedade, o bom humor e o amor.

O exemplo citado neste texto, leva-me também a pensar nas nossas reações quando passamos por injustiças: podemos reagir com revoltas, com prostração ou com proatividade para estabelecer a justiça. O colega e amigo adotou a última opção: não desistiu. Formou-se e hoje atua promovendo estudos na área de acessibilidade e faz com que pessoas com deficiência visual – que é o seu caso – também possam ter acesso a arte e a cultura no âmbito da comunicação.

Assim, a justiça, o amor e a caridade ensinados pelos os benfeitores espirituais no capítulo XI do Livro dos Espíritos, resumem tudo o que precisamos conhecer e realizar para aceitarmos as diferenças e tornarmos a convivência humana mais inclusiva e assentada no bem e na igualdade.